

Artes. Visuais

OBRA QUE ULTRAPASSA O DESIGN

Mostra de Bruno Munari, participante da 30ª Bienal, reúne peças criadas pelo italiano desde os anos 1930

Camila Molina

Designer, artista, escritor, ilustrador, educador, o italiano Bruno Munari (1907-1998) criou uma obra de várias vertentes, entretanto, pouco conhecida no Brasil. "Seu trabalho tem uma pluralidade e uma inquietação a ponto de ele ser um resumo de tudo o que temos na 30ª Bienal de São Paulo", diz André Severo, curador associado da edição do evento, em cartaz até 9 de dezembro. Desde o início da concepção do projeto curatorial da mostra, com curadoria geral do venezuelano Luis Pérez-Oramas, Munari esteve incluído entre os participantes. Com o intuito de realizar uma exposição mais abrangente do italiano no País, a exibição de suas obras, mais de 80 peças, vai ser apresentada fora do Pavilhão da Bienal, tendo o Instituto Tomie Ohtake como morada.

Não se trata de uma retrospectiva, mas a mostra *Bruno Munari. Arte, Desenho, Design*, que será inaugurada amanhã para convidados e na quinta-feira para o público no Instituto Tomie Ohtake, ocupa quatro salas da instituição apresentando peças, objetos, livros, mobiliário e jogos educativos criados pelo multidisciplinar italiano desde os anos 1930. "A 30ª Bienal aposta na busca de uma linguagem e Munari passou por tudo com um interesse genuíno no processo criativo, acreditando no poder transformador da arte", diz Severo.

No catálogo da Bienal, está descrito que Bruno Munari foi "celebrado" pelo crítico e historiador Giulio Carlo Argan como "um dos maiores expoentes da cultura artística italiana". A primeira aproximação que a mostra faz do artista com o Brasil acontece já na abertura da mostra, quando se apresenta na sala inicial *Côncavo Convexo* (1947-48), obra destacada da trajetória do italiano, colo-



● **Inventor e educador**
Bruno Munari (1907-1998) também criou "laboratórios lúdicos" com atividades sensoriais para crianças.

cada em diálogo com a escultura *Unidade Tripartida* (1948-49), de Max Bill, pertencente ao acervo do MAC-USP, e um dos trabalhos da série *Trepantes*, de Lygia Clark. Faz-se uma relação formal entre as peças – a de Munari, pendurada no teto, faz girar duas formas leves e quase redondas; a de Max Bill, premiada na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, foi uma referência para o movimento concreto brasileiro; e a de Lygia Clark já é o movimento de uma forma espiralada de metal escorregando para o chão. "Esta sala é a assinatura do Luis (Pérez-Oramas), que tem toda uma fantasia sobre a relação dos três artistas", diz Severo – vale dizer que o curador-geral da 30ª Bienal está preparando a retrospectiva de Lygia Clark que será exibida no MoMA de Nova York em 2014.

A partir dessas "boas-vindas", a obra de Bruno Munari é exibida em toda a sua pluralidade – e até certo humor –, obedecendo, de certa maneira, a um percurso

cronológico para que se entenda a passagem do artista de uma pesquisa a outra. Quando tinha 19 anos, Munari integrou o movimento futurista italiano, tanto que em 1930 descreveu essa sua fase como intrínseca às "máquinas inúteis", que inclusive lhe despertaram o interesse pela infância. Em 1945, Munari já iniciou a criação de "livros ilegíveis" para crianças – com os quais ganhou, em 1947, o Prêmio Hans Christian Andersen – e adiante concebeu de uma forma intensa desenhos, fotomonta-

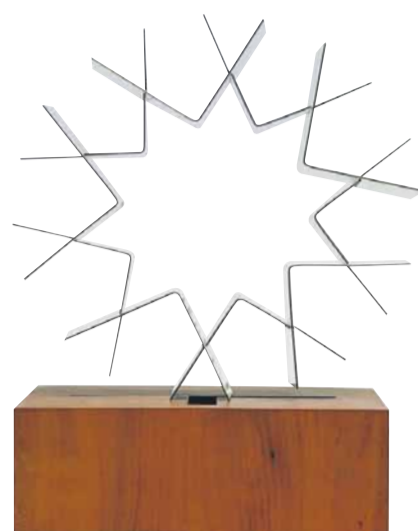
gens, móveis, obras gráficas, pinturas – principalmente, as da série *Negativo-Positivo* (dos anos 1950) –, luminárias e outras objetos e até o *Habitáculo* para os quartos infantis. "Existe uma utopia de transformação em sua obra com a crença de que a arte possa ser incorporada ao mundo", diz Severo.

Segundo o curador, não foi fácil realizar a produção da mostra, que reúne peças de diversos acervos particulares e estava prevista, inicialmente, para ser aberta no dia 2 de outubro.

BRUNO MUNARI
Instituto Tomie Ohtake.
Av. Faria Lima, 201, tel. 2245-1900. 3ª a dom., 11 h/20 h. Grátis. Até 18/2. Abertura amanhã, 20 h, para convidados.

Livro de tecido. Cor e geometria no Livro Letto estufado criado em 1993

De níquel. Edição especial de peça de 1961



FOTOS DIVULGAÇÃO

* **Análise:** Gerson de Oliveira

Como funcionam as coisas, a meta maior desse investigador

O que mais me chama a atenção na obra de Bruno Munari é o seu caráter investigativo e a sua multidisciplinaridade.

Ele produziu obras de arte com várias técnicas e suportes, tendo participado por duas vezes da Bienal de Veneza. Trabalhou com comunicação visual na editora Mondadori, lecionou na Universidade de Harvard, publicou livros e atuou como designer de móveis e objetos em colaboração com importantes indústrias italianas. Destas colaborações se destacam o *Habitáculo*, sistema que integra cama/estante/escrivânia, destinado a quartos de crianças e jovens, lançado pela Robots em 1971. Esse projeto recebeu o importante Prêmio Compasso d'Oro em 1979 e passou a integrar o acervo do MoMA de NY.

Quando lemos a produção teórica de Munari – *Das Coisas Nascem Coisas*, *Design e Comunicação Visual*, entre outros títulos –, percebemos a importância do estabelecimento de um método em seu processo de trabalho. Como investigador, dedicou grande parte de seu tempo a estudar como funcionam as coisas, tanto do ponto de vista construtivo quanto simbólico.

Em seu trabalho, percebemos claramente o grande conhecimento das estruturas geométricas, utilizadas de maneira a aliar rigor visual a aspectos estruturais e de construção. A articulação de elementos geométricos puros (anéis metálicos de vários diâmetros) em um tubo de tecido elástico resultou num dos momentos mais bonitos da sua produção como designer, a luminária *Falkland*, lançada pela Danese em 1964. Essa peça mantém sua atualidade e continua em produção até hoje.

* **GERSON DE OLIVEIRA** É DESIGNER, PROPRIETÁRIO DO ESTÚDIO OVO COM A DESIGNER LUCIANA MARTINS

HOMI BHABHA É DESTAQUE EM SIMPÓSIO

● Além da mostra de Bruno Munari, que fecha a programação Bienal na Cidade de exposições do evento em outros espaços institucionais da capital paulistana, a 30ª edição promove entre hoje e quinta-feira o Simpósio Trigésima Bienal de São Paulo, com debates e palestras no Sesc Belenzinho (Rua Padre Adelino, 1.000).

O primeiro encontro ocorrerá hoje, das 15 h às 18 h, tendo como tema *Iminências* – ou "a prática artística produz seu significado mantendo o sentido no estado de potência". O curador-geral da 30ª Bienal, Luis Pérez-Oramas, faz a abertura do simpósio e seguem-se depois palestras do indiano Homi K. Bhabha, diretor do Centro de Humanidades da Universidade de Harvard; e de Giovanni Careri e Peter Pál Pelbart.

Bhabha é o grande destaque do simpósio – foi com o diálogo entre o professor e Oramas que se chegou ao conceito de *Iminência das Poéticas* que dá título à mostra (Bhabha também assina texto no catálogo da exposição). Já amanhã, as palestras giram em torno do tema *Arte Contemporânea: Disciplina e Antidisciplina*; e, na quinta, da questão do arquivamento, com participação especial da professora doutora assistente de História da Arte na Universidade Temple (EUA), Adele Nelson. /c.m.

O MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

sp-arte/foto

/2012

COMEÇA NA
MAIOR ENC
PAÍS, AGOR



APOIO CULTURAL



PATROCÍNIO



JK IGUATEMI

CREDIT SUISSE
CREDIT SUISSE HEDGING-GRIFFO

REALIZAÇÃO

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA